



Imperialismo em América Latina: contribuições de Mariótegui e Zavaleta

Aline Recalcatti de Andrade¹

Resumo

O imperialismo estadunidense na América Latina se desenvolveu e adotou diversas formas ao longo das décadas. Para uma compreensão mais ampla deste fenômeno busca-se analisar o pensamento de dois marxistas fundamentais do pensamento latinoamericano, que viveram em diferentes épocas e possuem algumas semelhanças em seu trabalho: René Zavaleta e José Carlos Mariótegui. A importância desses autores para o estudo do imperialismo ocorre pelo fato de entender a relação estrutural da constituição do Estado sobre formações sociais heterogêneas, no caso de Zavaleta, e, em Mariótegui, por abordar a questão indígena, pensando sobre como esses fatores afetam a influência imperialista em suas regiões. Tal análise busca aportes que podem ser úteis na compreensão do imperialismo sobre sua forma atual para pensar os processos que ocorreram nos últimos anos, como o caso do golpe de Estado na Bolívia em 2019, no qual não teria sido possível sem a postura imperial estadunidense.

Palavras chave: Imperialismo, América Latina, Mariótegui, Zavaleta.

Imperialismo en Latinoamérica: aportes de Mariótegui y Zavaleta

Resumen

El imperialismo de Estados Unidos sobre Latinoamérica de desarrollo y adopto diferentes formas a través de las décadas. Para una comprensión más amplia de este fenómeno se busca analizar el pensamiento de dos marxistas fundamentales del pensamiento latinoamericano, que vivieron en diferentes tiempos y poseen algunas similitudes en sus trabajos: René Zavaleta y José Carlos Mariótegui. La importancia de esos autores para el estudio del imperialismo ocurre por el hecho del entendimiento de la relación estructural de la constitución del Estado sobre sus formaciones sociales heterogéneas, en el caso de Zavaleta e, en Mariótegui, por abordar la cuestión indígena, pensando sobre como esos factores afectan la influencia imperialista sus regiones. Tal análisis busca aportes que pueden ser útiles en la comprensión del imperialismo sobre su forma actual para reflexionar los procesos que ocurrieron en los últimos años, como en el caso del golpe de Estado de Bolivia en 2019, en lo cual no hubiera sido posible sin la intervención de Estados Unidos.

Palabras clave: Imperialismo, Latinoamérica, Mariótegui, Zavaleta.

¹ Graduada em Relações Internacionais pela Universidade de Santa Catarina (UFSC). Atualmente cursa sociologia na Universidade de Buenos Aires (UBA) e mestrado no programa Interdisciplinar de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Pesquisa Marx, marxismos latino-americanos, pensamento social na América Latina e imperialismo. Email: alinerecatt@hotmail.com

Imperialism in Latin America: contributions of Mariátegui and Zavaleta

Summary

American imperialism in Latin America has developed and adopted various forms over the decades. For a broader understanding of this phenomenon, we seek to analyze the thinking of two fundamental Marxists of Latin American thought, who lived at different times and have some similarities in their work: René Zavaleta and José Carlos Mariátegui. The importance of these authors for the study of imperialism is due to the fact that they understand the structural relationship of the State's constitution on heterogeneous social formations, in the case of Zavaleta, and, in Mariátegui, for addressing the indigenous question, thinking about how these factors affect the influence imperialist in their regions. Such analysis seeks contributions that can be useful in understanding imperialism about its current way of thinking about the processes that occurred in recent years, such as the case of the coup d'état in Bolivia in 2019, in which it would not have been possible without the American imperial stance.

Key words: Imperialism, Latin America, Mariátegui, Zavaleta.

Introdução

O debate sobre o imperialismo é um ponto essencial dentro do pensamento marxista, e pode se destacar como um dos primeiros a tratar do assunto, depois de Marx e Engels, com grandes contribuições e fortes influências sobre os autores trabalhados neste texto foi Lenin (2012)². A partir de então houve muitos intelectuais marxistas que são referências para o entendimento do imperialismo³, e muitos casos de pessoas que lutaram diretamente contra a influência estadunidense durante o século XX, como Che Guevara, Sandino, Emiliano Zapata, Julio Antonio Mella, Fidel Castro, José Martí etc. muitas vezes sem serem necessariamente marxista.

Assim, pela abrangência de autores que tratam sobre o tema, buscamos optar por apenas dois autores, não necessariamente conhecidos pelas suas teorias sobre o imperialismo, mas que pretendemos apontar que pode haver muitas contribuições deles ao debate contemporâneo. Por analisar Zavaleta e Mariátegui, um boliviano e um peruano, apesar de viverem em diferentes épocas e ,portanto, em diferentes formas expressadas pelo imperialismo, ambos trazem à luz debates importantes de questões relacionadas à composição e estrutura social, principalmente a questão indígena, que faz com a forma Estado tenha certas

² Segundo Magalhães Leite (2014) essa obra de Lenin representa uma síntese das teorias construídas na época como parte das “teorias clássicas do imperialismo”.

³ As teorias do imperialismo na América Latina muitas vezes se entrelaçam com a teoria da dependência e as teorias do sistema mundo, com aproximações, contribuições e diferenças conceituais (MAGALHÃES LEITE, 2014).

particularidades, e o papel do nacionalismo sem luta de classes, algo que influencia nas teorizações de ambos sobre o imperialismo na América Latina. Por isso, apesar de haver no pensamento dos autores marxistas muitas diferenças que fogem do espaço tratado aqui, o objetivo do trabalho é entender a concepção de imperialismo desde o marxismo de Zavaleta e Mariátegui buscando observar as semelhanças entre si. Separamos o trabalho em duas sessões com temas que os autores possuem em comum ao tratar de imperialismo.

Além disso, para compreender e caracterizar o imperialismo atual, tão presente atualmente, se busca contribuir com as ideias dos autores que podem ser relevantes atualmente entendendo as ideias, conceitos e teorizações, que podem ser de grande utilidade para uma análise da conjuntura latino-americana.

Luta antiimperialista e luta de classes

Mariátegui viveu em outro contexto histórico e, portanto, uma diferente forma do imperialismo do que no caso de Zavaleta. Enquanto este último vivia num período de intervenções diretas através de ditaduras latinoamericanas sobre o mando estadunidense, que na época de Mariátegui essa concepção autoritária estava mais em formação⁴. Entretanto, não se pode dizer de nenhuma maneira que Mariátegui não adotava o antiimperialismo como algo essencial em seu pensamento.

Como o antiimperialismo de Mariátegui tinha fortes influências do pensamento de Lenin (MAZZEO, 2008) ele adota a postura de um antiimperialismo de cunho revolucionário marxista, que vai além do debate que ocorria em sua época do antiimperialismo nacionalista (MARIÁTEGUI, 1990). Para ele: “Em suma, somos antiimperialistas porque somos marxistas, porque somos revolucionários, porque contrapomos ao capitalismo o socialismo como sistema antagônico, chamado a sucedê-lo, porque na luta contra os imperialismos estrangeiros cumprimos nossos deveres de solidariedade com as massas revolucionárias da Europa” (*ibidem*).

A questão nacional, para Mariátegui, nunca pode perder seu sentido classista (MAZZEO, 2008), pois o imperialismo estadunidense não deixa em nenhum momento de se aliar às classes dominantes dentro dos países que buscam oprimir. Como ele afirma: "Nem a

⁴ Foi a partir do início do século XX que os Estados Unidos começaram a desenvolver sua ideologia imperialista, sobre a doutrina Monroe e aprofundar a ideia de América para os americanos. Ademais, as teses desenvolvidas por Mariátegui se inserem em um contexto de guerra entre potências imperiais e desenvolvimento do fascismo, no qual o movimento comunista da época agia conforme a conjuntura, com a Internacional Comunista (III) guiando diretrizes aos movimentos revolucionários nacionais (Pis Diez, 2012). Mariátegui vai a teorizar em esta conjuntura, a favor ou contra das tendências indicadas.

burguesia, nem a pequena burguesia no poder podem fazer uma política antiimperialista. Temos a experiência do México, onde a pequena burguesia acabou pactuando com o imperialismo yankee” (MARIÁTEGUI, 1986, p.90), pois o “antiimperialismo, admitindo que ele pudesse mobilizar a burguesia e a pequena burguesia nacionalistas, ao lado das massas operárias e camponesas (já negamos terminantemente esta possibilidade), não anula o antagonismo entre as classes, nem suprime sua diferença de interesses” (*idem*, 1990, p. 65). A solução de acordo com Mariátegui é “Sem prescindir da utilização de nenhum elemento de agitação antiimperialista, nem de nenhum meio de mobilização dos setores sociais que eventualmente podem auxiliar esta luta, nossa missão é explicar e demonstrar às massas que só a revolução socialista contraporá um obstáculo definitivo e verdadeiro ao avanço do imperialismo” (*ibidem*, p. 65). Portanto, não há um antiimperialismo sem a defesa de uma revolução comunista.

Mariátegui observa, portanto, a relação entre o externo⁵ e o interno, e como na sua época o desenvolvimento do capitalismo estava atrelado ao imperialismo, ele adota a teoria de Lenin (2012) como o imperialismo ser uma nova fase do capitalismo mundial. Também pensando em termos da dominação do centro sobre a periferia, a história latinoamericana do século XX - momento que Zavaleta está teorizando - é ainda mais caracterizado pelo imperialismo estadunidense. Zavaleta argumenta que a “ideologia do imperialismo estadunidense sobre a América Latina tem antecedentes anteriores a sua dominação econômica” (2010, p. 292).

Complementando à Mariátegui, René Zavaleta cita, por exemplo, que antes mesmo dos Estados Unidos serem o centro do capitalismo mundial, já havia diversos antecedentes de dominação desse país sobre os latinoamericanos, tendo, portanto, uma ideologia que já estava constituída. Tal poder imperialista terá resultados na própria formação diversa dos países latino-americanos. Zavaleta afirma que a própria composição do que é Estados Unidos, de uma forma dialética, dependeu dessa dominação sobre a América Latina, que ele denomina de paradigma "vertical-autoritário" (2009, p. 303). Ademais, um ponto significativo apontado por Zavaleta se trata da comparação das formações dos Estados nacionais, pois nas ex-colônias não é possível seguir um curso de crescimento “normal” como foi o dos casos europeus porque “a última fase do Estado nação dos países opressores” (*ibidem*, p. 45, tradução nossa) é o imperialismo. O Estado sobre o modo de produção capitalista atua respondendo às

⁵ Uma boa síntese que análise mais do fator externo do imperialismo, ou seja, de uma mais geopolítica é o livro de Octavio Ianni de 1974. Por exemplo, diferente dos casos das burguesias latinoamericanas que se aliam ao imperialismo estadunidense sem muitas reflexões, a política estadunidense se associa de acordo com a “variação das circunstâncias” (1974, p. 66), sempre preservando seus próprios interesses.

demandas dos interesses externos, que no caso boliviano, irá se expressar fortemente sobre a subsunção formal, já que não houve um processo de acumulação originária dos países periféricos. Essa subsunção formal, que diferentemente da subsunção real que se implementou de forma exclusiva (TAPIA, 2009), busca a destruição de comunidades que não se constituem de acordo com a lei do valor, no qual ainda existem ou coexistem com o capitalismo outros modos de produção.

Como Mariátegui, Zavaleta argumenta contra a oligarquia, como um agente dos interesses do imperialismo, então um antiimperialismo desde as classes burguesas seria algo contraditório, por isso que “o nacionalismo sem o conceito de luta de classes não seria senão outra forma de alienação” (2009, p. 47, tradução nossa). O nacionalismo, nessa leitura, se relaciona com a noção de luta de classes que “não se resolve só em contradição geral entre opressores e oprimidos, senão entre a oposição e a luta entre as classes nacionais e as classes estrangeiras” (*ibidem*, p. 46, tradução nossa). A solução, no caso de Zavaleta que tem fortes influências em Gramsci, seria a constituição de um bloco histórico contra o imperialismo que representa uma forma de hegemonia dominante do capitalismo.

As formações sociais e seu papel na luta antiimperial

Zavaleta explica que a determinação estrutural do imperialismo tomado somente como fase monopolista do modo de produção capitalista, não expõe o fenômeno completo pois o processo sempre aparece sobre uma forma ideológica, assim explica que “la combinatoria de ambas, estructura e ideología, debe producir siempre una política” (2009, p. 291). Por isso que para o boliviano a estrutura social-econômica é essencial para entender a atuação do imperialismo, pois o fenômeno age não apenas interferindo no Estado, mas também na sociedade.

Segundo Tapia (2009) um dos conceitos mais importantes de Zavaleta é a heterogeneidade estrutural e diversidade de tempos históricos observada em Bolívia, denominada como *forma social abigarrada*, no qual o capitalismo busca a homogeneização social, mas prevalecem espaços que não predominam a lei do valor. Tal configuração engendra novas formas de relações de dominação, pois existe uma oligarquia que detêm o poder do Estado, que ademais de econômica é cultural, pois são etnias ou uma forma esperada de nacionalidade (a colonial) que oprime a outra. É sobre tal construção interna nacional que existem as dominações externas, explicando assim a “dimensão do local-nacional e o mundial” (TAPIA, 2009, p. 21).

Essa configuração específica nacional pode apontar diferentes casos, como citado por Zavaleta (2009) no qual por exemplo os camponeses, pode ser que expressa de fato os interesses da nação, não a burguesia ou pequena burguesia, porque são diretamente contra o capitalismo oligárquico que está conectado e respaldado pelo imperialismo. E é nessa configuração de *forma social abigarrada* onde há uma diversidade de nacionalidades e etnias que o sujeito indígena se destaca na sociedade boliviana, que no mesmo caso de muitos camponeses, são sujeitos que estão de frente na luta, incluída contra a imperial em suas diversas formas.

Como já apontado, Mariátegui está de acordo com a impossibilidade da luta antiimperialista que não seja relacionada com a luta de classes. Para ele, o necessário à América Latina é a revolução socialista que não passe por um processo burguês, que como destacado por Zavaleta, não possui o mesmo processo de construção social e econômica. O ponto de partida de Mariátegui, segundo Mazzeo (2008), seria através do sujeito social mais presente na sociedade peruana, as comunidades indígenas. Isso porque o intelectual peruano fazia suas análises das condições objetivas e específicas tanto do Peru, como da América Latina.

O debate do antiimperialismo nacionalista que Mariátegui criticava era principalmente da perspectiva da APRA⁶ que priorizava o nacionalismo à revolução social latino-americana. Por isso, o peruano faz um chamado à luta revolucionária como luta antiimperialista, pois analisando a situação dos países latino-americanos, em uma condição econômica que ele chamava de semicolonial, onde demonstra distintas percepções de formações sociais (RODRIGUES DE ALMEIDA, 2010, p. 156)⁷. Uma conclusão disso é que à medida que se desenvolvem tais países de acordo com o desenvolvimento do capitalismo se acentua a penetração imperialista. As burguesias nacionais que não buscam confronto com esse imperialismo, aceitando como proveitoso economicamente. Assim, o Estado nacional aqui, se integra em sua dimensão jurídico-política com a formação social específica do caso latinoamericano, que não se atenta a seguir uma ideologia antiimperialista (RODRIGUES DE ALMEIDA, 2010).

Dessa forma, para o intelectual marxista peruano a formação social faz com que não há possibilidade “em vista as características próprias das burguesias latinoamericanas [...] de um capitalismo autônomo desligado do imperialismo” (PIS DIEZ, 2012, p. 39-40). Disso,

⁶ Movimento político fundado por Haya de la Torre, fundado em 1924.

⁷ “Se, em um modo de produção, as estruturas jurídico-política e ideológica não se resumem a meras expressões da econômica, isto menos ainda se aplica a uma formação social” (*ibidem*).

conclui-se que lutar por um desenvolvimento capitalista significa a exploração das classes nacionais, por isso a insistência do antiimperialismo ser entrelaçado à revolução social.

Retomando Zavaleta, diferentemente de teorias que atribuem ao imperialismo como o capitalismo em seu estado puramente econômico, o boliviano argumenta que ele também representa um fenômeno ideológico e política, para o autor “uma determinação estrutural está sempre revelada por sua forma ideológica, e a combinatória de ambas, estrutura e ideologia, deve produzir sempre uma política” (2009, p.291, tradução nossa). De tal maneira, pode-se dizer que as experiências autoritárias ocorridas na época do autor boliviano são as expressões política de tal fenômeno, que a dominação externa buscava homogeneizar o modelo político regional segundo seus interesses (*ibidem*, p. 292), mas que dependia da formação histórico-local.

Reflexões finais

A importância de debater o imperialismo nesse ano advém principalmente da ocorrência dos fatos, além do avanço da direita e dos neofascistas, mas também como o golpe de Estado na Bolívia contra o governo de Evo Morales, um governo caracterizado por adotar uma postura a favor da luta indígena ao mesmo tempo que pensava na construção do socialismo⁸, teve como fator fundamental o apoio do imperialismo estadunidense. Nesse caso nota-se justamente a argumentação de Zavaleta e Mariátegui de como uma oligarquia local, expressada por seus interesses econômicos se aliou à uma frente externa de derrubada do poder do MAS, dentro do seu próprio país e contra as conquistas do sujeito indígena, que foi um dos centros de base do governo de Morales.

Os autores estudados também fazem pensar em como a estrutura social objetiva e específica de cada país se relaciona com os fatores externos, sendo que há casos como a revolução bolivariana e a cubana que seguem na luta contra o antiimperialismo, assim como há países que aderem e seguem o imperialismo estadunidense atualmente, como caso chileno, o colombiano e mais recentemente o brasileiro. Isso se trata justamente do que Zavaleta e Mariátegui apontaram como formações sociais, que além do Estado, influenciam o imperialismo imposto. Outra importante contribuição observamos ser o fato de que diversos sujeitos podem atuar contra o imperialismo, no qual se relaciona diretamente com a luta de classes dentro dos países.

⁸ O fato do próprio ex-vice-presidente, Álvaro García Linera, teorizar sobre a ideia de duas razões revolucionárias “indigenismo e marxismo” demonstra esse ponto.

Como afirma Prashad (2020) as expressões do imperialismo são diversas: em muitos países podem literalmente ser tanques e guerras, mas como no caso da América Latina ele pode atuar de diversas maneiras, onde foram construídas narrativas⁹ para o imperialismo bloquear os avanços sociais no continente. Por isso que quando há lutas sociais que atacam diretamente os interesses imperialistas, ele se mostra de uma maneira mais explícita¹⁰. Entretanto, como afirma López (2020) imperialismo dentro da academia pode ser considerado um conceito ultrapassado¹¹, justamente por essa falta de interpretação de suas diferentes formas de atuação, por isso é necessário compreender como opera e seus mecanismos atuais, que Mariátegui e Zavaleta possam ser autores a darem tal aporte.

Referências

IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

LENIN, V. I. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LÓPEZ, Emiliano. Introdução: Uma caixa de ferramentas para fechar as nossas veias. In: LÓPEZ, Emiliano (org). *As veias do sul continuam abertas: debates sobre o imperialismo do nosso tempo*. São Paulo: Expressão Popular. 2020. p. 7-12.

MAGALHÃES LEITE, Leonardo de. Sobre as teorias do imperialismo contemporâneo: uma leitura crítica. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 2 (51), p. 507-534, ago. 2014.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Ideologia y política*. Lima: Editora Amauta, 1986.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Ponto de vista antiimperialista. *Novos Rumos*. Marília, n. 18/19 (5), p.64-66. 1990.

MAZZEO, Miguel. *Invitación al descubrimiento: José Carlos Mariátegui y el socialismo de Nuestra América*. Buenos Aires: El Colectivo, 2008.

PIES DIEZ, Nayla. El antiimperialismo y el "problema de las razas" en el pensamiento de

⁹ Podemos citar como exemplo além do terrorismo, mas da guerra às drogas que justifica invenções em diversos países; a luta pela “democracia” como foi o caso contra a Bolívia, e segue contra Venezuela e Cuba; e até a forma de de imperialismo ecológico que atua diretamente contra comunidades indígenas a favor de grandes corporações.

¹⁰ Como citada, as comunidades indígenas, isso pode ocorrer de uma forma abafada onde há casos de violência extrema em lugares como México, Equador, Guatemala, Chile etc. no qual há casos diretamente ligados à defesa da natureza e de seus meios de vida.

¹¹ O autor agrega como uma suposição de tal fato que “boa parte do pensamento crítico tenha abandonado certas categorias a favor de explicações mais amigáveis em relação ao establishment acadêmico e político de nosso tempo faz parte do triunfo do modelo civilizatório ocidental e capitalista após a queda do Muro de Berlim” (2020, p.8).

José Carlos Mariátegui. *Questión*, La Plata, no. 34, p. 33- 45. 2012.

PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular. 2020.

RODRIGUES DE ALMEIDA, Lúcio F. Nacionalismo e antiimperialismo em um texto de Mariátegui. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 24, p. 152-162. 2010.

TAPIA, Luis. Prólogo. *In: ZAVALETA, René. La autodeterminación de las masas*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2009. p. 9-29.

ZAVALETA, René. *La autodeterminación de las masas*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2009.